

CINEMA, INTEGRALISMO E MILITÂNCIA NEGRA: A TRAJETÓRIA DE IRONIDES RODRIGUES E SUAS COLUNAS EM *A MARCHA* (1954-1962)

Gabriel Soares Predebon\*

Este trabalho pretende analisar a trajetória do crítico de cinema, tradutor, dramaturgo e militante negro Ironides Rodrigues (1923-1987). Rodrigues se notabilizou pelo envolvimento com o Teatro Experimental do Negro, onde atuou principalmente como educador e também como tradutor e divulgador de textos caros ao movimento francófono Négritude. Rodrigues também colaborou durante oito anos (1954-1962) com a crítica de cinema no semanário *A Marcha*, órgão oficial do Partido de Representação Popular (PRP). Presidido por Plínio Salgado, o PRP foi o herdeiro político da Ação Integralista Brasileira, agremiação de cunho fascista extinta após o golpe de 1937. Nome ainda amplamente desconhecido nos círculos acadêmicos, um dos objetivos ao estudar a trajetória deste intelectual multifacetado é analisar como a questão racial era apresentada em suas colunas em *A Marcha* e tentar compreender as relações de inúmeros militantes negros com o integralismo, assunto ainda pouco explorado pela historiografia.

**Palavras-chave:** Integralismo. Movimento Negro. Catolicismo.

Ironides Rodrigues (1923-1987) foi educador, militante do movimento negro, crítico cinematográfico e literário, dramaturgo, ensaísta, tradutor. Ligado ao Teatro Experimental do Negro de Abdias Nascimento na década de 1940, teve destaque principalmente como educador. Na década de 1950, sua atuação na crítica cinematográfica enquanto crítico do jornal integralista *A Marcha*, além dos méritos analíticos que contribuíram para a inserção do autor no então florescente campo da crítica, levantou questões relevantes acerca da participação de militantes negros com movimentos conservadores, em especial o integralismo. Embora ainda muito pouco conhecido nos círculos acadêmicos e na historiografia, Rodrigues sem dúvidas deixou sua marca pelos lugares heterogêneos em que transitou. Em função disso, se faz necessário um olhar mais atento a sua trajetória, o que ajuda a compreender suas tomadas de posição algo estranhas para o nosso olhar contemporâneo, além de questões de cunho estético e de sociabilidades intelectuais

---

\* Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Contato: gabriel.predebon@gmail.com

Pensar tais questões, ainda muito nebulosas e notadamente ausentes de nossa historiografia, não seria possível sem o suporte de documentos que lançassem luz sobre a vida do autor. Nesse sentido, é de alta relevância os escritos de cunho autobiográfico deixados por Rodrigues com o nome de *Diário de um negro atuante*. Esses textos foram publicados no final da década de 1990, na revista *Thoth, escriba dos deuses – pensamento dos povos africanos e afrodescendentes*, editada pelo gabinete do então senador Abdias Nascimento. Na revista, foram publicados três longos excertos do *Diário*, escritos de forma lírica e em um tom que pende mais propriamente para o memorialístico do que para a autobiografia rigorosa. Ali se pode encontrar detalhes de sua infância, dos encontros intelectuais, de sua educação, de seus engajamentos e longas digressões acerca de suas preferências estéticas.

Trabalhar com esse tipo de texto requer algumas precauções metodológicas, para que não se incorra naquilo que Pierre Bourdieu (1996) chama de ilusão biográfica. Para o sociólogo francês, aceitar uma trajetória de vida como um deslocamento linear, unidirecional, é compactuar com uma filosofia da história baseada no relato, uma história metódica e *événementielle*. Como os eventos não seguem uma linearidade e não há relações de causalidade explícitas, são as próprias pessoas que ao tratar de suas vidas concatenam os acontecimentos, dando-lhes causas e sentidos. Aceitar a vida como uma história “[...] talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar” (BOURDIEU, 1996, p. 185); e é isso que o autor chama de “ilusão biográfica”:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um “sujeito” cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 1996, p. 189)

Para combater a ideia de uma vida linear e direcionada, Bourdieu traz o conceito de *trajetória* “como série de *posições* sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações” (BOURDIEU, 1996, p. 189). O sociólogo francês faz a ressalva de que uma trajetória não pode ser compreendida:

Sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo na qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado [...] ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 1966, p. 190)

### **A trajetória de Ironides Rodrigues**

Ironides Rodrigues nasceu no dia 7 de setembro de 1923, na cidade de São Pedro de Uberabinha (atual Uberlândia), Triângulo Mineiro. Filho de Augusto e Maria Rita, o autor conta que teve dois irmãos, Almiro e José, este último morto ainda em tenra idade. Após o abandono do lar por parte de seu pai, sua mãe criou os dois filhos trabalhando como doméstica e lavadeira. Como não conseguira se reerguer após a ausência do pai, encontrou consolo no álcool. Apesar dos eventos traumáticos que cercam sua infância e sua família, Rodrigues lembra com alegria dos dias passados em Minas, tecendo comentários saudosos sobre as festas e os tipos da cidade, assim como das inúmeras cerimônias religiosas. Com um pouco de melancolia, afirma: “Todas essas figuras populares viveram, sofreram e sentiram, na época de minha infância e depois se despediram desta vida para uma outra que não demos ideia do que seja...” (RODRIGUES, 1998, p. 199)

Não se sabe ao certo quando se deu a mudança de Uberlândia para o Rio de Janeiro. A informação que se tem é que ocorreu no início da década de 1940, e o motivo foi a intenção de Rodrigues de cursar o preparatório para o vestibular da faculdade de Direito. O autor conta que a despeito de sua luta diária pela subsistência material (encontra-se em péssima situação financeira, vivendo de bicos), estudou em duas instituições da elite carioca, o Colégio Universitário e o Colégio D. Pedro II, com certeza com o auxílio de uma bolsa (RODRIGUES, 1998b).

Após passar no vestibular para a Faculdade Nacional de Direito, Rodrigues lamenta que, em função dos horários das aulas, teve que se manter afastado do curso por longos períodos, para que pudesse trabalhar. Ganhava seu sustento como professor, preparando alunos que, como ele, queriam entrar na faculdade de Direito. Graças aos cursos que frequentara nos colégios, lecionou diversas disciplinas, como Francês, Literatura, História da Filosofia e Sociologia. Com as dificuldades impostas pela falta de

recursos, Rodrigues se graduaria apenas em 1974, trinta anos após seu ingresso na Faculdade. Em passagem de seu *Diário*, afirma:

O título de advogado e bacharel em Direito, que consegui em 1974, é um motivo de minha exultação, um fato grandioso e eloquente de minha existência apagada. Farei deste diploma um galardão para melhor defender os negros, o operariado espoliado pela máquina capitalista e burguesa, para estar ao lado de todas as minorias oprimidas, como os gays marginalizados e as prostitutas tão perseguidas, sem esquecer o índio brasileiro [...] (Rodrigues, 1997, p. 135)

Afora as questões propriamente estudantis, Rodrigues conta que o Rio de Janeiro do início da década de 1940 é um Rio “pleno de transformações cosmopolitas”. Nesse sentido, cabe destacar as relações de sociabilidade que o autor manteve durante o período. Figura fundamental é a do compositor Bororó. Bororó é Alberto de Castro Simões da Silva<sup>1</sup> (1898-1986), compositor, escritor e funcionário do Ministério da Justiça. Boêmio, teve canções gravadas por Elis Regina, Ney Matogrosso e João Gilberto, entre outros. A amizade com o compositor se mostra quando Rodrigues afirma que “quase todos os livros de Bororó eu tive a honra de manuseá-los, antes deles serem mimeografados” (RODRIGUES, 1997, p. 154). Em todos os excertos do *Diário* de Rodrigues, encontram-se referências a Bororó. A relevância da amizade dos dois pode ser atestada pelo fato de o compositor ter sido algo como um *mentor* de Rodrigues:

Minha vida está tão intimamente ligada à do Bororó que sempre que alguém me vê sozinho pergunta: “Como vai o Bororó?” O mesmo acontece com o grande chorão de “Da cor do pecado”. Muitos vultos notáveis com que travei conhecimento em minha vida atribulada, foi graças a Bororó que pude privar de sua convivência. (RODRIGUES, 1998a, p. 219)

Pode-se inferir que ao apresentar a Rodrigues diversas figuras do meio intelectual à época, o compositor acaba por inseri-lo em uma rede de sociabilidade intelectual. De acordo com Sirinelli (2003), as redes de sociabilidade intelectuais são importantes, pois nelas se entrecruzam o ideológico e o afetivo, criando um “microclima” que caracteriza um microcosmo intelectual particular. Entre os intelectuais que mantiveram relação com Rodrigues (nem todos por intermédio de Bororó), citam-se os escritores Jorge de Lima, Octávio de Faria e Tasso da Silveira. Os três foram notáveis escritores católicos, sendo o penúltimo ligado à crítica cinematográfica, e o último, ao integralismo.

### **Rodrigues e o Teatro Experimental do Negro**

---

<sup>1</sup> Para conhecer mais detalhes acerca de Bororó, há um verbete a ele dedicado no Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira, que está disponível em: <http://dicionariompb.com.br/bororo/dados-artisticos>.

O início da década de 1940 é notável na trajetória do autor em função de seu engajamento no Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944 por Abdias Nascimento e do qual Rodrigues participara desde seus primeiros estágios. Seu começo na militância negra organizada é lembrado nesta passagem:

Foi a minha pugna para a libertação social e econômica do negro, por assim dizer, feita lá na província, com uma turma de negros decididos e idealistas que sentiam, como um espinho picando-lhes a alma, toda a segregação do mundo dos brancos racistas. Não tinha ideia desse movimento em conjunto num plano de luta total pelo Brasil afora. Só em contato com um negro de gênio como Aguinaldo Camargo é que tive a ventura de penetrar num reduto em que um pugilo de crioulos rebeldes e indomáveis mostrava o que era brigar de gato por uma ideia aliada a um forte contingente cultural e espiritual que era o Teatro Experimental do Negro. (RODRIGUES, 1998a, p. 207)

Antes de prosseguir com a trajetória de Rodrigues, é importante que se discorra um pouco sobre Abdias Nascimento (1914-2011). Ativista, acadêmico, ator, artista plástico e político, Nascimento nasceu em Franca, interior de São Paulo. Militar entre 1930 e 1936, teve contato com Plínio Salgado e foi ligado à Ação Integralista Brasileira, agremiação fortemente influenciada pelo fascismo. Após constatar o racismo velado dos integralistas, Nascimento desligou-se do movimento em fins de 1936 (LARKIN NASCIMENTO, 2014). Em 1941, assistiu no Peru a peça *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill. Apesar do protagonista do drama ser um homem negro, para seu espanto a montagem peruana apresentou um ator branco pintado de negro no papel. Nascimento lamentava que aos negros eram destinados apenas papéis menores nas peças, sendo retratados quase sempre de forma caricatural e, muitas vezes, pejorativa. De regresso ao Brasil, fundou o TEN em 1944, entidade aberta “ao protagonismo do negro, onde ele ascendesse da condição adjetiva e folclórica para a de sujeito e herói das histórias que representasse” (NASCIMENTO, 1997, p. 227), tendo como fim trabalhar pela valorização estética, social e econômica dos negros.

A principal atuação de Ironides Rodrigues no TEN foi a de ter ministrado um bem sucedido curso de alfabetização para adultos. Além do trabalho teatral propriamente dito, o TEN organizou, além do curso de alfabetização; aulas de iniciação à cultura geral, ministradas por Aguinaldo Camargo; e de iniciação às noções de teatro e interpretação, dadas por Abdias Nascimento.

A educação no TEN não se baseava somente na escolarização, buscando uma perspectiva emancipatória do negro no mercado de trabalho e na dimensão política,

colocando em xeque a arraigada concepção da inferioridade intelectual dos negros. Romão (2005) afirma que a educação no TEN possuía uma perspectiva que, embora não fosse *afrocentrista*, era *afrocentrada*. Dessa forma, não colocava a África como centro do modelo social, mas como uma instância possível, embora ainda não constituída, de um modelo social. Para Gilca Ribeiro dos Santos (2013), a ausência de um controle por parte do Estado em relação às práticas educacionais do TEN proporcionava maior liberdade para a prática pedagógica, aliando arte à educação e utilizando o teatro de fundo racial e humanístico como recursos didáticos para a alfabetização, constituindo uma iniciativa pioneira nesse campo:

Na sua práxis já é possível identificar o início de um diálogo pan-africano e uma valorização da cultura negra, paralelamente à cultura nacional. No Curso de Alfabetização do TEN, as aulas de Ironides já se tencionava para a reivindicação da diferença, o negro não procurava apenas inteirar-se à sociedade branca dominante, assumindo como sua aquela cultura europeia que se impunha como universal. Ao contrário, as peças teatrais tinham como proposta despertar nos alunos o reconhecimento do valor civilizatório da herança africana e da personalidade afro-brasileira. (SANTOS, 2013, p. 86)

Além disso, Romão (2005) e Nascimento (1997) apontam o elevado número de interessados no curso, que contava, principalmente, com alunos oriundos das camadas mais baixas da população, entre eles operários, empregadas domésticas e funcionários públicos, chegando à expressiva cifra de 600 inscritos. Como sede, foi cedida uma das dependências da União Nacional dos Estudantes, onde não apenas se realizava o curso de alfabetização como também os ensaios do grupo. Romão (2005) destaca a repercussão da iniciativa nos jornais da época, mobilizando a população e os artistas brancos.

Outra iniciativa de grande destaque do grupo foi o lançamento do jornal *O Quilombo: Vida, Problemas e Aspirações do Negro*, que circulou entre 1948 e 1951, alcançando doze edições. Esse periódico é de suma relevância para que se possa compreender a posição do TEN acerca do tema da *democracia racial* e a valorização da negritude. Em todas as suas edições estava presente o seu programa de cinco medidas, das quais a segunda parece bastante pertinente:

Esclarecer ao negro que a escravidão significa um fenômeno histórico completamente superado, não devendo, por isso, constituir motivos para ódios ou ressentimentos e nem para inibições motivadas pela cor da epiderme que lhe recorda sempre o passado ignominioso. (Apud OLIVEIRA, 2008, p. 140)

Essa medida do jornal insere-se num contexto de amplo debate sobre a “democracia racial” brasileira, tendo como objetivo evitar as acusações de “racismo às avessas” de que poderia sofrer. O próprio Gilberto Freyre escreveu um artigo no primeiro número de *O Quilombo* em que apelava para uma valorização do elemento negro enquanto constituinte da cultura brasileira. Não devemos, entretanto, olhar a convergência do TEN com a questão da democracia racial com os olhos de hoje:

O uso por escritores negros de interpretações aparentemente “conservadoras” da democracia racial como forma harmoniosa de mestiçagem foi mais do que uma aliança tática fraca ou lamentável, como sugeriram posteriormente alguns estudiosos e ativistas. Em meados da década de 1940, a celebração acadêmica da mestiçagem no Brasil era parte central da rejeição do racismo biológico nas ciências sociais, fornecendo uma base de autoridade contra a qual os intelectuais negros podiam fazer suas demandas de inclusão. (ALBERTO, 2017, p. 250)

No *Quilombo*, Rodrigues foi responsável pela seção *Livros* em quatro edições, em que era chamado ora de escritor e ora de professor. Foi encarregado da tradução de textos em francês, tendo traduzido Blaise Cendrars e Georges Bataille, além do ensaio *Orfeu negro*, de Jean-Paul Sartre, cujo existencialismo o influenciaria, tendo papel de destaque na sua concepção da *Négritude* (OLIVEIRA, 2008).

De acordo com Barbosa (2013), o movimento da *Négritude* foi lançado por intelectuais negros de língua francesa, como o destacado poeta Aimé Césaire, da Martinica; e Léopold Sedar Senghor, escritor e que depois se tornaria primeiro presidente do Senegal independente. Para o autor, apoiado em Munanga (1988), a *Négritude* teria dois sentidos principais: primeiramente, a aceitação positiva de *ser* negro, valorizando sua história e cultura. O segundo sentido é ligado à política e se aproxima do pan-africanismo, representado na luta pela emancipação dos povos negros diante das potências coloniais.

As relações do TEN com os ideais da *Négritude* se estreitaram vinda do escritor franco-argelino Albert Camus ao Rio de Janeiro em 1949. Camus era conselheiro da publicação *Présence Africaine* e um apoiador do movimento francófono. No Rio, assistiu ensaios do TEN e visitou terreiros. Como possuía amplo domínio da língua francesa, Ironides Rodrigues tornou-se o principal divulgador do movimento. (BARBOSA, 2013).

A valorização da identidade africana como proposta pela *Négritude* contrastava com a posição mais integracionista que também era defendida pelo TEN. Nesse sentido,

as duas posições entraram em choque no I Congresso do Negro Brasileiro em 1950, quando a tese *A estética da Negritude*, escrita por Ironides Rodrigues, dividiu os participantes. Polarizou-se o debate em torno de uma vertente proveniente da esquerda nacionalista, que rechaçou a tese, na qual estavam incluídos Darcy Ribeiro e Édison Carneiro; e uma vertente ligada ao campo da centro-direita, em que se encontravam presentes as lideranças do TEN, como Abdias Nascimento e Guerreiro Ramos, ambos ex-integralistas.

O resultado dessa querela foi a redação de um documento por parte dos intelectuais, que rechaçaram a tese de Ironides Rodrigues como “racista às avessas”. Os signatários da *Declaração dos Cientistas* se eximiam das consequências políticas do Congresso. Entre eles, citam-se os mencionados Darcy Ribeiro, Luiz Costa Pinto, Édison Carneiro e Guerreiro Ramos (que assinou, muito provavelmente, por defender uma visão mais integracionista da negritude). Assim sendo, enterrou-se a possibilidade de uma ligação mais próxima entre as lideranças do TEN e as elites culturais da época. Entre as consequências do Congresso para o movimento negro:

[...] o embate em torno da negritude trouxe consequências diretas para a formação de uma postura mais ativa do movimento negro nos anos 1950. Para os intelectuais do TEN, esta postura esteve associada, entre outras coisas, a uma inspiração política advinda dos ideais da negritude que, a partir de então, torna-se mais afirmativa e autônoma. (BARBOSA, 2013, p. 179)

O TEN continuou suas atividades ao longo das décadas de 1950 e 1960 de forma mais precária, até o exílio de Abdias Nascimento em 1968. O idealizador do grupo continuou com sua militância e seu trabalho teatral no exterior, principalmente nos Estados Unidos.

### **Ironides Rodrigues e o integralismo**

Apesar de todas as disputas de projetos, posições políticas e formas de atuação, um aspecto chama a atenção quando se trata do movimento negro na primeira metade do século XX: a aproximação de algumas de suas mais destacadas lideranças com Ação Integralista Brasileira (AIB) (1932-1937). Embora o escopo do artigo não permita uma discussão mais abrangente, consta que o líder da Frente Negra Brasileira, Arlindo Veiga dos Santos, manteve correspondência com o chefe dos integralistas, Plínio Salgado, e era simpático àqueles ideais.

Abdias Nascimento fora um ativo militante integralista. Ainda que conste que após o golpe de 1964 Nascimento tenha enveredado para a esquerda e que “o resqúcio

de hostilidade em razão de ter sido integralista o perseguiu durante bem mais de meio século [...]” (LARKIN NASCIMENTO, 2014, p. 132), o criador do TEN não se arrependera da escolha de ter militado ao lado dos *camisas-verdes*. Guerreiro Ramos, outra grande liderança do TEN também participou do movimento, o que, de acordo com Oliveira (2008), lhe facilitou adentrar espaços majoritariamente reservados aos brancos. Quanto a Ironides Rodrigues, mesmo sendo jovem demais para militar no integralismo, manteve espaço destacado no principal periódico do herdeiro político da Ação Integralista Brasileira, o jornal *A Marcha*.

Amplamente inspirado no fascismo, o integralismo tinha como pilares o espiritualismo e o nacionalismo. Organizado de forma rígida e hierárquica, pressupunha a figura do Chefe Nacional, Plínio Salgado. O aspecto simbólico do integralismo era de alta relevância, e era um dos elementos que mais o aproximavam dos fascismos europeus. Como exemplo, se pode citar a saudação com o braço direito erguido e a camisa-verde como uniforme oficial. De acordo com Trindade (2016), esses elementos eram fundamentais para proporcionar a socialização ideológica dos militantes.

A Ação Integralista Brasileira foi um movimento expressivo e que cresceu conforme a sua trajetória, até ser extinta junto aos demais partidos e movimentos após o golpe do Estado Novo em 1937. Após uma malsucedida tentativa de golpe contra Vargas em 1938, o chefe do movimento, Plínio Salgado, parte para o exílio em Portugal.

Em Portugal, Salgado continua a articulação política e tenta voltar ao Brasil, sem sucesso. Notabiliza-se como escritor religioso, publicando uma *Vida de Jesus* de grande repercussão:

A nova fase de Plínio Salgado é marcada por atos políticos travestidos de religiosos. Com inúmeras conferências e publicações, teve uma grande atuação na imprensa em todo o país, transformando as suas ações em ferramentas para uma nova concepção política após o exílio, que coincidiu com o fim da Segunda Guerra Mundial e a consequente destruição dos regimes fascistas. (GONÇALVES, 2017, p. 165)

Politicamente, Salgado se inspirou no Estado Novo português liderado por António de Oliveira Salazar. Embora existam divergências historiográficas em relação à caracterização do regime português enquanto fascista, ao salazarismo faltava a figura do líder carismático (Salazar não era considerado como tal), a existência de um partido único mobilizador das massas, o expansionismo resultante da guerra e o totalitarismo. Além disso, a relação próxima e oficial do regime salazarista com a Igreja Católica contribuiu

para a não fascização do regime. Com base nesse modelo de Estado forte, porém não fascista, que Plínio Salgado buscou reorientar o discurso integralista (GONÇALVES, 2017).

Após a queda de Vargas, ainda em 1945 é fundado conforme as instruções de Salgado o Partido de Representação Popular (PRP), herdeiro político da AIB. Com o retorno de Salgado ao Brasil em 1946, este assume a presidência do partido. Permanece no cargo até a extinção do PRP em 1965, com o Ato Institucional n. 2, já no contexto da Ditadura Militar. Em relação à AIB, o PRP se caracteriza pelo abandono dos aspectos simbólicos que poderiam ser ligados mais facilmente ao fascismo, como a camisa-verde; e um reforço no discurso espiritualista cristão. Embora não tenha alcançado a projeção da AIB durante a década de 1930, o PRP marcou presença no cenário político do pós-guerra, tendo apoio considerável em alguns estados, como no Sul do país (CALIL, 2005).

Entre 1953 e 1965, o PRP teve um jornal oficial, de circulação nacional e periodicidade semanal, *A Marcha*. Como jornal partidário que era, tinha como objetivo propagar a doutrina integralista, sendo uma peça-chave para a propaganda partidária. Dotado de um virulento anticomunismo e por ser laudatório da figura de Plínio Salgado, o jornal deu também espaço relevante para discussões culturais. Na seção *A Marcha das Artes e das Letras*, encontram-se numerosos textos de crítica literária, poemas, textos religiosos e filosóficos. Havia também crítica teatral, de rádio e de cinema, assinada por Ironides Rodrigues de 1954 até 1962, tornando-o o colaborador cultural mais assíduo do periódico.

Em seus diários, Rodrigues recorda com carinho do período em que colaborou com o periódico:

Por mais de quinze anos convivi com Plínio Salgado em *A Marcha*, jornal de espírito doutrinário e político que saía todas as quintas-feiras no Rio. Era impresso nas oficinas do *Diário Carioca*, na Avenida Rio Branco, e por isso eu tinha de levar minhas críticas literárias e de cinema às segundas-feiras. Indo até as oficinas do *Diário*, encontrava-me com Gumercindo Dórea, redator de *A Marcha* [...] (RODRIGUES, 1997, p. 241).

Rodrigues (1997) tece diversos elogios ao líder integralista e sua esposa, Carmela, lamentando, segundo ele, a injusta reputação do chefe dos camisas-verdes. Lembra de um episódio em que Salgado o havia defendido de críticas após ter criticado um livro sobre Monteiro Lobato:

Quando ataquei um padre baiano que escrevera um livro sectário sobre a literatura infantil de Monteiro Lobato, recebi cartas desaforadas, de várias

partes do Brasil, em defesa do sacerdote atrabiliário. Plínio Salgado me defendeu, dizendo que os erros de visão estética de Monteiro Lobato eram bem de seu tempo (RODRIGUES, 1997, p. 242) [...].

Essa passagem demonstra que Rodrigues, mesmo tendo frequentado escolas de elite e a universidade, incorreu no risco de apropriação ilegítima de capital cultural, tendo que contar com o auxílio de Plínio Salgado para assegurar sua posição no campo cultural.

Infelizmente, Rodrigues não revela como se deu seu contato com o integralismo ou com Plínio Salgado. Apesar das ligações entre lideranças negras e o movimento, não podemos afirmar com precisão. Há também a relação de amizade que existiu entre Rodrigues e Tasso da Silveira, poeta integralista, que pode ter sido um elemento de aproximação entre o autor e *A Marcha*. Cabe destacar uma citação de um encontro entre os dois:

Relembrou Jackson de Figueiredo e aquela intransigência sua em face da atividade dos ateus e dos incrédulos. Eu o ouvia calado e pensativo, pensando na plenitude de, por acaso, ter conhecido Jackson, discutido com o pensador sergipano todo o seu catolicismo à Joseph de Maistre e Charles Maurras, com um discutível conceito de autoridade governamental que se parece, assim, com um Estado fascista, ou melhor, corporativo. Dessas ideias de Estado forte, partimos para o integralismo lusitano de Antonio Sardinha e para o integralismo tão nacionalista de Plínio Salgado, palpitante de brasilidade e heroísmo em *O estrangeiro*, *O cavaleiro de Itararé* e naquela cartilha de civismo que ele escreveu para a juventude pátria, *Geografia sentimental*. (RODRIGUES, 1998a, p. 240)

A citação acima, em que nomes relevantes do conservadorismo católico como Jackson de Figueiredo, Joseph de Maistre e Charles Maurras são mencionados, denota que Rodrigues tinha conhecimento e mesmo afinidade com tais ideias, o que se pode ver em suas colunas cinematográficas.

### **As colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues**

Rodrigues escreveu colunas cinematográficas durante oito anos para *A Marcha*. Em nossa dissertação de mestrado (PREDEBON, 2019), analisamos um *corpus* de 240 colunas, buscando articular seu conteúdo com os demais aspectos analisados até aqui neste artigo. Três aspectos das colunas saltam aos olhos: o diálogo de Rodrigues com os demais críticos da época; o catolicismo sempre presente; e os comentários acerca da questão racial ali presentes.

Inicialmente, tinha-se a ideia de que, por se tratar de um jornal partidário, portanto com um número de leitores mais ou menos restrito aos militantes, que as colunas de Rodrigues não alcançavam repercussão fora dos círculos integralistas. Ledo engano. A

análise das colunas demonstrou que Rodrigues mantinha contato com os principais críticos de cinema de sua época, participando dos debates e discussões por vezes acirradas que aconteciam. Em relação ao jornalismo cultural, nota-se que a década de 1950 foi um período de florescimento para a atividade, e que o cinema tinha aí um destaque especial. Conforme o jornalista e crítico Ruy Castro:

É impossível a um cinéfilo brasileiro de última geração avaliar o peso da crítica de cinema nos anos 50 e 60. Era enorme, e não apenas no Brasil. O cinema se tornara o grande afrodisíaco intelectual de dois ou três continentes. Os filmes eram agora discutidos à luz da história, da psicanálise, da antropologia, do estruturalismo e do cinema mesmo. Quando discutidos à sombra da ideologia, podiam provocar rachas culturais, arruinar amizades e até desfazer namoros. (CASTRO, 2004, p. 12)

O catolicismo é o elemento que serve de maior convergência entre Rodrigues e *A Marcha*. Deve-se ressaltar que o PRP foi um partido de forte tendência espiritualista, e isso transparece em suas colunas. Rodrigues, além de católico, reivindicava o conservadorismo de intelectuais como Jackson de Figueiredo e Tasso da Silveira, muito rígidos em suas concepções morais e espirituais. Entretanto, o que se nota em suas colunas é que, apesar de sua fé arraigada, Rodrigues era um grande defensor da liberdade de criação artística, discordando, muitas vezes, das posições católicas em relação a diversos filmes. Dessa forma, em *Eu, Otávio de Faria e Alfredo Leite*, de 16 de novembro de 1956, Rodrigues afirma:

Desde que iniciei esta modesta coluna cinematográfica, há mais de dois anos, com “Shane” de George Stevens e depois “Jour de Fête” de Jacques Tati, sempre procurei dar a meus trabalhos de filmes selecionados, um caráter de ensaio doutrinário e profundo. [...] Não me esqueço de que sou católico apostólico romano, mas este privilégio de servo fiel da Santa Madre Igreja não me pode empanar a visão das variadas criações estéticas. (RODRIGUES, 1956)

O catolicismo de Rodrigues também tinha uma dimensão social, e o colunista era muito crítico com os católicos “acomodados” e que, apenas por frequentarem a missa, acreditavam que eram bons fiéis. Para Rodrigues, ser católico é lutar contra a desigualdade social e combater a “hipocrisia burguesa”. Dessa forma, em *Desespero d’alma I*, publicada em 31 de maio de 1957, o colunista critica escritores católicos que, segundo ele, por serem acomodados, acabavam por atentar contra a própria mensagem cristã:

Um católico como Paul Claudel era intolerante e até colaboracionista com os alemães. Um François Mauriac é refinado burguês, tendo propriedades de vinhas, que se somem de vista. Jacques Maritain, com toda a grandeza de sua obra, não tem a pureza e a harmonia de um Charles Peguy e nem de um “Psichari”, quanto mais de Santa Elisabeth Leseur. Estes burgueses comodistas que só não vendem Cristo de novo porque não podem lançar mão n’Ele, bem que merecem a apóstrofe fulminante de Maurice Morand: “Vocês estão intoxicados de hipocrisia, depois de milhares de mentiras acumuladas em Seu nome, desde Paulo de Tarso até Paul Claudel”. (RODRIGUES, 1957)

Por fim, a questão racial também está presente em seus escritos, embora de forma mais esparsa que o catolicismo. No jornal, pode-se perceber que quando Rodrigues tratava da questão racial, tinha algumas preocupações: a valorização do artista negro, a análise de filmes antirracistas e as colunas mais explícitas sobre o racismo, em que estão presentes informações a respeito do movimento negro, em especial sobre a atuação de Abdias Nascimento e do Teatro Experimental do Negro. Embora o foco principal seja a questão do negro, Rodrigues em menor grau denunciou em seus escritos o racismo contra outras etnias, como os judeus e os asiáticos.

Sua militância em favor da valorização do artista negro é percebida em diversas colunas e está em consonância com as ideias da *Negritude*. Dessa forma, não é surpreendente que Rodrigues tenha especial apreço por filmes que retratem o negro de forma sincera e sem estereótipos. Em relação ao cinema americano, sua posição é explicitada em *Problemas do negro e o cinema*, publicada em 16 de setembro de 1960, quando afirma que:

O autor de cinema só olha o negrão pelo lado exótico e bizarro e daí surgir filmes belos pelo seu lado plástico e humano, mas sem nada sobre os problemas da discriminação racial que oprime o preto, sem qualquer alusão às misérias do Harlem aos linchamentos do Sul [...]. (RODRIGUES, 1960)

Essa posição é reafirmada em *Rio, 40 graus*, publicada em 7 de outubro de 1955, em que Rodrigues analisa o filme homônimo de Nelson Pereira dos Santos, destacando a forma positiva e humana com que o cineasta retratou os negros:

Nunca o elemento negro foi posto com tanta simpatia humana entre nós. Vejam a cadência, o soturno gemido do atabaque e da cuíca dos crioulos de sapatos bicos finos da Portela, gritando desesperados para o Universo inteiro que “uma voz do Norte a Sul se ouvia, que a escravidão no Brasil acabou”. (RODRIGUES, 1955)

Rodrigues, ao tratar da questão racial em um jornal altamente conservador, trouxe um debate que certamente não estava na “ordem do dia” das preocupações. Entretanto, com o catolicismo conservador como elemento de convergência entre o autor e o

periódico, manteve ali um espaço destacado, que possibilitou alça-lo, mesmo que momentaneamente, uma posição legítima no campo cultural.

### **Considerações finais**

A trajetória de Rodrigues é marcada por diversos engajamentos e posições nem sempre coerentes à primeira vista. Divulgador e defensor das ideias da *Négritude*, mantinha sociabilidades muito conservadoras e era católico devoto. Católico devoto, mesmo assim não deixava sua fé “empanar” suas visões artísticas, sendo um notável defensor da liberdade de criação. Nascido na pobreza no interior de Minas Gerais, cursou colégios de elite e dominava a língua francesa. Para finalizar voltando ao conceito de trajetória de Bourdieu, pode-se dizer com certeza que a trajetória de Ironides Rodrigues foi ascendente. Entretanto, como denotam seus escritos memorialísticos, a consagração intelectual que ele tanto ansiava não aconteceu: levou décadas para se tornar bacharel em direito, não conseguiu publicar seus trabalhos e se sustentou, desde 1954, como funcionário público no Ministério do Trabalho, emprego que não lhe agradava. Entretanto, não se pode dizer que não tenha sido bem-sucedido em suas atuações, visto o impacto de seu curso de alfabetização no TEN, suas ideias polêmicas que contribuíram para os debates em torno da questão racial no movimento negro na década de 1950, além da repercussão de seus escritos cinematográficos, que ultrapassaram as fronteiras dos círculos integralistas.

### **Bibliografia:**

ALBERTO, Paulina. **Termos de inclusão:** intelectuais negros brasileiros no século XX. Campinas: Editora da Unicamp, 2017.

BARBOSA, Muryatan Santana. O TEN e a negritude francófona no Brasil: recepção e inovações. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, p. 171-184, 2013. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092013000100011>.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no processo político brasileiro:** o PRP entre 1945 e 1965 – cães de guarda da ordem burguesa. 2005. 819 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2005.

CASTRO, Ruy. Trailer – Moniz, Wagonmaster. In: VIANNA, Anonio Moniz. **Um filme por dia:** crítica de choque (1946-73). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GONÇALVES, Leandro Pereira. **Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2017.

LARKIN NASCIMENTO, Elisa. **Abdias Nascimento**. Brasília: Senado Federal, 2014. (Coleção Grandes Vultos que horaram o Senado).

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 1, p. 227-245, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-1.pdf>.

OLIVEIRA, Laiana Lannes. **Entre a miscigenação e a multirracialização: brasileiros negros ou negros brasileiros?** 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

PREDEBON, Gabriel Soares. **A trajetória e as colunas cinematográficas de Ironides Rodrigues para A Marcha (1954-1962)**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

RODRIGUES, Ironides. Diário de um negro atuante, segunda parte (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 5, p. 195-245, 1998a. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-5.pdf>.

\_\_\_\_\_. Diário de um negro atuante (1974-1975). **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 4, p. 121-145, 1998b. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-4.pdf>.

\_\_\_\_\_. Diário de um negro atuante. **THOTH, escriba dos Deuses – Pensamento dos Povos Africanos e Afrodescendentes**, Brasília, v. 3, p. 133-160, 1997. Disponível em: <http://ipeafro.org.br/wp-content/uploads/2015/10/THOTH-3.pdf>.

\_\_\_\_\_. Problemas do negro e o cinema. **A Marcha**, n. 370, 16 set. 1960.

\_\_\_\_\_. Desespero d'Alma I (para Alfredo Leite). **A Marcha**, n. 207, 31 maio 1957.

\_\_\_\_\_. Eu, Otávio de Faria e Alfredo Leite. **A Marcha**, n. 181, 16 nov. 1956.

\_\_\_\_\_. Rio, 40 graus. **A Marcha**, n. 135, 7 out. 1955.

ROMÃO, Jeruse. Educação, instrução e alfabetização no Teatro Experimental do Negro. In: ROMÃO, Jeruse (Org.). **História da Educação do Negro e outras histórias**. Brasília: Ministério da Educação/SECAD, 2005.

SANTOS, Gilca Ribeiro dos. **O pensamento educacional de Francisco Lucrécio e Ironides Rodrigues**. 2013. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

**ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019**

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/Fundação Getúlio Vargas, 2003.

TRINDADE, Hélió. **A tentação fascista no Brasil**: imaginário de dirigentes e militantes integralistas. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.